



**FACULDADE CALAFIORI**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA  
PRIVILEGIAR AS POTENCIALIDADES DO SER  
HUMANO E A AFETIVIDADE**

**THAÍS POLEZEL**

**PROF<sup>a</sup>. ESP. MICHELLE APARECIDA PEREIRA LOPES**

**São Sebastião do Paraíso - MG**

**2011**

# **PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA PRIVILEGIAR AS POTENCIALIDADES DO SER HUMANO E A AFETIVIDADE**

**THAÍS POLEZEL**

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori, como parte dos requisitos para a obtenção do título de pós-graduado (a) em Psicopedagogia no Processo Ensino e Aprendizagem.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Esp. Michelle Aparecida Pereira Lopes.

São Sebastião do Paraíso - MG

2011

**PRÁTICAS EDUCATIVAS:  
O PRIVILÉGIO ÀS POTENCIALIDADES DO SER  
HUMANO E À AFETIVIDADE**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**AVALIAÇÃO: (    ) \_\_\_\_\_**

---

**Professor Orientador**

---

**Professor Avaliador da Banca**

---

**Professor Avaliador da Banca**

**São Sebastião do Paraíso - MG**

**2011**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha filha, que com sua inocência e amor, inspira-me forças para melhorar sempre.

Aos meus pais, Tarcísio e Fátima, que são exemplos vivos de determinação e garra.

Ao meu marido Hebert, o qual foi um grande colaborador para que eu alcançasse mais esta vitória!

Aos meus eternos alunos, os quais me fazem sempre querer me aperfeiçoar mais e mais, para poder ensinar com sabedoria e amor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que me deu a oportunidade de vencer mais uma etapa de minha vida, fortalecendo-me nesta caminhada.

A minha orientadora Michelle Aparecida Pereira Lopes, pela compreensão, presteza e paciência com que me atendeu.

Aos meus pais Tarcísio e Fátima, por terem me dado a oportunidade de estudar, pelo grande incentivo e por terem me mostrado que sou capaz de vencer as barreiras impostas pela vida.

Ao meu esposo Hebert e minha querida filha Lívia, pelo apoio, paciência, dedicação e carinho que a mim expressam com tanto amor. Vocês são minha vida!

*“A Natureza faz do homem um ser natural;  
A sociedade faz do homem um ser social;  
Somente o homem é capaz de fazer de  
si um ser livre.”*

Rudolf Steiner

# SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS .....	
RESUMO .....	
1 – INTRODUÇÃO .....	9
2 – ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL: UMA VISÃO PLURALISTA PARA DESENVOLVER A ADEQUADA EVOLUÇÃO ORGÂNICA DA CRIANÇA E RESPEITAR AS DIVERSIDADES DE TEMPERAMENTOS .....	19
2.1 Criança sanguínea .....	22
2.2 Criança melancólica .....	23
2.3 Criança colérica .....	24
2.4 Criança fleumática .....	26
3 – O PAPEL DO EDUCADOR PARA UMA RELAÇÃO HUMANISTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM .....	29
3.1 Meditação .....	36
3.2 Respiração diafragmática .....	36
3.3 Relaxamento profundo .....	38
3.4 Exercícios de biopsicologia .....	38
3.5 Automassagem .....	39
4 – INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA ATRAVÉS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS PROPOSTAS PELO PROJETO EDUCORAÇÃO .....	41
4.1 O que é o Círculo do Amor .....	44
4.2 Exercícios de Biopsicologia .....	47
4.3 Momento de Introspecção .....	48
4.4 Abrindo o Coração: Coerência Cardíaca .....	49
5 – CONCLUSÃO .....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	55

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Tabela de matrículas no Ensino Fundamental de 9 anos .....	xi
Figura 2. Como as redes estão se adaptando ao Ensino Fundamental .....	xii
Figura 3. Sala para brincar e avançar nas práticas sociais e culturais significativas	xiii
Figura 4. Temperamento sanguíneo gosta de histórias e contos de fadas .....	xxiii
Figura 5. Criança melancólica relaciona-se muito consigo mesma .....	xxiv
Figura 6. Criança colérica se tomada pela raiva fica fora de si .....	xxv
Figura 7. O temperamento fleumático possui ótima musicalidade .....	xxvii
Figura 8. Criança respira de forma adequada .....	xxxvii
Figura 9. Crianças em profundo relaxamento .....	xxxviii
Figura 10. Aluna faz automassagem nos pés .....	xxxix
Figura 11. Crianças acompanham a história que ensina o contato com o coração	xliii
Figura 12. Crianças cantando e dançando no Círculo do Amor .....	xliv
Figura 13. Aluno faz exercício que propõe autocontrole das emoções .....	xlvii
Figura 14. Criança concentrada, no exercício de introspecção .....	xlix
Figura 15. Crianças aprendem de forma lúdica a coerência cardíaca .....	I



## RESUMO

As citações aqui selecionadas constituem os pensamentos de Rudolf Steiner (1861 - 1925), fundador do movimento universal das escolas Waldorf. Steiner dedicou-se a aprofundar temas políticos, sociais e ecológicos. Ele desenvolveu um método de investigação que permitiu-lhe focar o ser humano, o universo e todas as relações e interações existentes com uma visão holística. O presente trabalho tem como objetivo conhecer o ser humano a partir da Antroposofia e suas práticas concretas com relação à diversidade de temperamentos e também apresentar a compreensão da criança em seus primeiros setênios através do fortalecimento do afeto e do pensamento vivo e global. Nessa mesma linha de pensamento, cita-se a abordagem do Projeto EduCoração e suas respectivas práticas educativas relacionadas à alternativa psicopedagógica para incluir os alunos e ressignificar o papel do educador, que de algum modo tem que ser admirado, numa perspectiva humanista, onde se podem encontrar propostas para realizar um trabalho efetivo para alcançar, de fato, as amplas dimensões e potencialidades essenciais do ser humano. Na educação isso significa aproximar cada vez mais o que dizer do que fazer e o que parece ser do que realmente é, além disso, desenvolver nas crianças a base para o pensamento e o sentimento autênticos, num marco de igualdade a direitos e responsabilidades e também a capacidade vigorosa de sustentar a empatia e a compreensão dentro e fora do ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Alfabetização Emocional. Evolução Orgânica. Relação Humanista. Afeto.

## 1 - INTRODUÇÃO

O estudo proposto refere-se à alfabetização em idade pré-escolar e aos primeiros anos do Ensino Fundamental e a importância no processo ensino-aprendizagem do relacionamento afetivo. Passamos hoje por uma crise na educação, onde os problemas se configuram, seja pela falta de capacitação dos educadores, a inflexibilidade do planejamento curricular, pela ausência de integração com a sociedade ou ainda pelas arcaicas técnicas pedagógicas de classificação que desconsideram algumas das máximas potencialidades humanas.

De acordo com a LDB (Lei de diretrizes e Bases da Educação), número 9394/96, artigo 32, as crianças aos seis anos de idade deverão ser inseridas nas instituições escolares e apresentadas aos conceitos simbólicos da alfabetização, sendo que em determinados casos, não estão preparadas para receber tanto conteúdo teórico. Então temos como consequência a desmotivação ou desinteresse dos alunos pela instituição escolar e estes passam a ser adjetivados de: baderneiros, bagunceiros, indisciplinados e muitas vezes são tidos como hiperativos ou com problemas de déficit de atenção.

No ensino infantil e durante as séries iniciais do ensino fundamental, a criança entra em contato com diferentes formas de representação e são desafiadas a fazer uso delas; ela vai descobrindo, progressivamente, e aprendendo a usar as múltiplas linguagens: gestual, corporal, plástica, oral, escrita, musical e, sobretudo, aquela que lhe é mais peculiar e específica, a linguagem do faz-de-conta, ou seja, do brincar.

Para Guimarães e Bibiano (2009) a relação com o outro, consigo mesma, com a natureza e com a cultura que a circundam é mediada por essas formas de expressão e de comunicação. Portanto ao sair da pré-escola, a criança não pode

sofrer um choque, como se houvesse uma mudança radical no programa dos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Outra questão essencial é a organização da escola que inclui esta criança de seis anos no Ensino Fundamental. Houve uma reorganização da estrutura, das formas de gestão ambientes, dos espaços, dos tempos, dos materiais, dos conteúdos, das metodologias, dos objetivos, do planejamento e da avaliação para inserir e acolher, adequadamente, as crianças num ambiente prazeroso e propício à aprendizagem?

É necessário assegurar que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental ocorra da forma mais natural possível, não provocando nas crianças rupturas e impactos negativos no seu processo de escolarização (Guimarães e Bibiano, 2009).

A partir do exposto, torna-se importante ressaltar alguns aspectos referentes à responsabilidade dos sistemas de ensino, das escolas e dos professores ao proceder à ampliação do Ensino Fundamental, já que a grande preocupação se encontra justamente na baixa aprendizagem da educação básica.

O Ministério da Educação recomenda que as escolas organizadas pela estrutura seriada não transformem esse novo ano em mais uma série, com as características e a natureza da primeira série. Assim, o Ministério da Educação orienta que, nos seus projetos político-pedagógicos, sejam previstas estratégias “possibilitadoras” de maior flexibilidade dos seus tempos, com menos cortes e descontinuidades. Estratégias que, de fato, contribuam para o desenvolvimento da criança, possibilitando-lhe, efetivamente, uma ampliação qualitativa do seu tempo na escola. Diferente de convidá-las a alcançar os mesmos resultados, em datas pré-determinadas, em mesmos níveis qualitativos e quantitativos, considerando apenas seus desempenhos racionais, como se educar o ser humano se restringisse apenas a tais aspectos. Na opinião de Freire (1996, p.37) “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. [...] o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando”.

As reformas educacionais, ao atender a sociedade intensiva de conhecimento, preocupam-se em contabilizar resultados, apresentam dados tais como: 88,5% das crianças brasileiras estão alfabetizadas, segundo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ou ao menos alfabetizadas funcionais. Mesmo

sem estrutura física e professores qualificados para tal atividade, receberam no total, em todo o Brasil, 52.580.452 matrículas em 197.468 estabelecimentos de ensino. Os indicadores foram divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), órgão do Ministério da Educação (MEC). Uma minoria estuda na rede privada: são 7.309.742 alunos (ou 13,9%) em escolas particulares. Entre os 45.270.710 estudantes (86,1% do total) que estão na rede pública, quase metade (46,2%) são atendidas por escolas municipais.

Os dados da tabela mostram que 59% dos alunos que iniciam o ensino fundamental já foram matriculados no modelo de nove anos. É um crescimento de 12,5% em relação a 2008.

**Tabela 1. Tabela de número e percentual de matrículas no Ensino Fundamental de 9 anos**

	2005		2006		2007	
	Matrículas ESF	%	Matrículas ESF	%	Matrículas ESF	%
<b>Brasil</b>	<b>8.113.819</b>	<b>24,2%</b>	<b>10.665.615</b>	<b>32,0%</b>	<b>14.211.963</b>	<b>44,3%</b>
Norte	256.070	7,6%	508.349	15,1%	980.974	29,9%
RO	30.296	9,7%	39.259	12,6%	130.965	43,4%
AC	5.929	3,9%	5.838	3,7%	9.892	6,4%
AM	148.900	19,0%	228.305	28,5%	452.068	58,4%
RR	1.863	2,3%	4.405	5,2%	7.904	9,5%
PA	56.931	3,5%	94.153	5,9%	122.296	7,9%
AP	0	0,0%	1.076	0,8%	4.313	3,1%
TO	12.151	4,5%	135.313	49,1%	253.536	91,2%
Nordeste	1.771.807	15,8%	2.916.487	26,8%	4.638.042	45,6%
MA	157.132	10,2%	297.328	19,8%	384.659	27,2%
PI	128.555	18,6%	233.448	34,9%	276.037	44,2%
CE	724.407	42,0%	891.685	52,6%	1.596.103	98,4%
RN	299.682	50,8%	568.523	96,6%	562.380	99,4%
PB	76.010	9,3%	232.840	30,0%	574.859	80,8%
PE	168.208	9,8%	218.452	13,0%	304.696	19,6%
AL	12.593	1,8%	81.703	11,6%	255.086	38,2%
SE	6.318	1,6%	12.846	3,2%	75.983	20,0%
BA	198.902	6,7%	379.662	13,2%	608.239	23,1%
Sudeste	5.248.914	42,6%	5.663.149	45,9%	6.253.043	51,6%
MG	3.016.901	88,5%	3.168.985	94,8%	3.082.341	95,2%
ES	11.934	2,1%	39.969	7,1%	90.246	16,3%
RJ	2.104.017	84,9%	2.143.013	88,3%	2.211.497	95,9%
SP	116.062	2,0%	311.182	5,2%	868.959	14,4%
Sul	345.335	8,2%	475.038	11,2%	649.258	15,4%
PR	126.375	7,6%	122.371	7,4%	93.004	5,5%
SC	80.227	8,5%	122.162	12,8%	247.381	26,9%

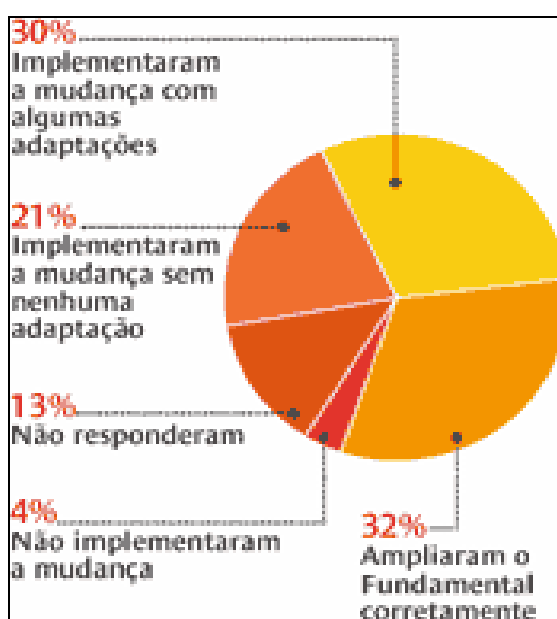
RS	138.733	8,5%	230.505	14,0%	308.873	19,0%
Centro-Oeste	491.693	20,1%	1.102.592	45,2%	1.690.646	73,5%
MS	642	0,1%	1.063	0,2%	407.527	96,5%
MT	284.033	47,2%	306.743	53,0%	327.960	62,5%
GO	198.315	19,3%	772.095	74,8%	886.427	91,6%
DF	8.703	2,3%	22.691	5,8%	68.732	17,9

**Fonte:** portal. mec.gov.br/arquivos/pdf/ensino\_9anos.pdf - Similares (2010).

O novo ensino fundamental de nove anos, criado pela lei nº. 11.114, de 16 de maio de 2005 determina que o ensino antes obrigatório dos sete aos 14 anos (da 1ª a 8ª série) atende uma nova faixa etária que vai dos seis aos 14 anos (do 1º ao 9º ano).

Enfim este número explica que é realmente “universificado” o “acesso” às escolas. Segundo Guimarães e Bibiano (2009, p.57) o aumento do número de anos da Educação Básica obrigatória são vistos como um avanço. “A inclusão desta clientela é um grande passo para a democratização do acesso escolar”, para os filhos das classes menos privilegiadas financeiramente.

A ampliação era necessária de qualquer forma já que o mínimo para o ensino fundamental brasileiro era de oito anos, porém como o ensino fundamental é mais estruturado que o ensino infantil a opção era ampliá-lo para nove anos. Veja no gráfico a seguir um levantamento da "implementação" do ensino fundamental:



**Figura 2.** Como as redes estão se adaptando ao Ensino Fundamental.  
**Fonte:** Revista Nova Escola, edição 225 (2009, p. 57)

Para que o novo modelo atenda a real necessidade, cabe aos educadores cobrar o que é direito por lei: construção de novas salas, reorganização do quadro docente, capacitações, construção do currículo e comprar mobiliário adequado às crianças.

A escola, além disso, deve cumprir seu papel de ser um espaço privilegiado de formação ao que é correto e necessário à infância. A escola deve perceber a importância da convivência e lapidar os conceitos éticos e morais, e não apenas se resumir num quadrado adaptado, com lousa e móveis em péssimas condições, onde mal cabem os educandos de 1º ano, e determinar aos alunos uma trajetória delimitada, a qual muitas vezes apresenta pouca “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais e as experiências que eles trazem para dentro da escola, como afirma Freire (1996, p.34). As crianças precisam de um ambiente onde satisfaçam as dimensões intelectuais e emocionais para então estabelecer relações saudáveis entre ensino e aprendizagem. A aprendizagem significativa é mais estimulante aos alunos do que as atividades mecânicas que os transformam em meros copistas.

Veja na figura abaixo a ideia de uma sala que permite movimento, interação e aprendizagem:



**Figura 3:** Sala para brincar e avançar nas práticas sociais e culturais significativas da aprendizagem

**Fonte:** Revista Nova Escola, n.225 (2009, p. 62)

“Para aprender sobre o mundo, os estudantes precisam se movimentar e interagir uns com os outros e com os objetos do conhecimento - proporcionado pela rotina” [...] “As salas ideais valorizam as ações dos pequenos, suas expressões, a imaginação, as falas e as produções”. Para isso, o mobiliário tem de proporcionar flexibilidade. Por fim, é preciso deixar à disposição da turma todos os materiais que permitam variadas possibilidades de expressão: verbal, gráfica e plástica. (GUIMARÃES E BIBIANO 2009, p. 62)

Dentro de uma perspectiva psicopedagógica podemos até corrigir ou minimizar distúrbios de atenção quando envolvemos os educandos em atividades coerentes, motivadoras e interessantes, conforme afirmam Dimenstein e Alves (2003, p.40) “[...] vejo aquele menino encantado com o saber, mas desencantado pela escola” A alfabetização emocional pode ajudar educadores e alunos a perceber seu estado emocional e então administrar melhor: eventuais explosões; a lidar com a rapidez das transformações; a aceitar a diversidade e resgatar o querer saber através da afetividade que pode fortalecer o conhecimento.”

A faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída pelo déficit de emoção e o paradigma da maioria das instituições escolares associa-se às crenças da sociedade e impõe aos alunos sua força imperativa trazendo a evidência aos convencidos e o medo inibidor àqueles que buscam soluções inovadoras.

As verdades estabelecidas na educação determinam os estereótipos cognitivos e emocionais que estamos convivendo em nossa sociedade cada vez mais agressiva, violenta e competitiva, sem se ocuparem com quaisquer atitudes de ética e compreensão, pois em raríssimos momentos de formação e atuação educacionais, os educadores têm oportunidades para reflexões sobre a prática docente crítica. É a partir do educador que temos que caminharemos para o educador que queremos ter. A passagem do que é proposto como ideal, para o que é necessário, se faz somente pelo possível. “Onde encontrar as condições da possibilidade? No único espaço onde ela já existe. A nova escola só pode nascer desta que aí está e o novo educador também. O desafio está na necessidade de se superarem os problemas e se encontrarem/criarem recursos para a transformação”. Dimenstein; Alves (2003, p.106) declaram que entre os muitos papéis do educador, um, é trabalhar as questões de curiosidade e possibilidade. “E se existe um caminho para tanto, é fazer que o mundo real tenha significado. O professor tem que fazer esta ligação”.

Essa questão nos faz pensar no quanto, de fato, estamos interessados nos aspectos reais do ser humano em formação? “Continuamos a fazer educação sem questionamentos, recebemos ideias sem avaliá-las, não discutimos as crenças ultrapassadas e fazemos perpetuarem os conformismos intelectuais e cognitivos. Quais são as fontes e causas de erros e ilusões na educação? É preciso ter olho novo para ver coisas velhas de maneira diferente” (DIMENSTEIN E ALVES, 2003, p. 107).

É possível compreender que numa época onde os valores são ligados à qualificação individual e à competitividade, não há paradigma mais sólido para representar o modelo educacional senão o da simbiose entre educação e neoliberalismo. Uma junção que permite e aprova que o sistema econômico determine os conteúdos de ensino. Assim as crianças são dotadas de técnicas e especializações, ou seja, o ensino para o trabalho e as exigências do mercado e não mais para as competências sociais e para a vida. São incontáveis os fatores que levam muitos professores a atuarem dessa forma: tarefas burocráticas, emergências e imprevistos com os alunos, atendimento aos pais, falta de acesso à informação, formação pedagógica insuficiente às demandas escolares, a falta de experiência ou até mesmo o que Freire (1997, p.129) define como: “autodemissão da mente”, um estado de conformismo do indivíduo, de acomodação diante das situações consideradas fatalistamente como imutáveis. Esta é a posição de quem vive a educação como determinismo e não como possibilidade. Dentro desta maneira mecanicista de compreensão não há lugar para a decisão humana, para a escolha, mas sim para a acomodação bem comportada ao que está aí e ao que virá. “Tais fatores nos estimulam a continuar míopes, a visualizar a pequenina escola, do restrito, ser humano”.

Segundo Dimenstein e Alves (2003, p. 97) “Como é possível exigir de um professor que ele seja um autor, um inovador, se ele não tem nem tempo ócio para ser um transgressor do conhecimento? Se ele no dia seguinte tem que dar dez aulas?” Temos um processo de “vitimização” do aluno, do professor e da escola que passam a ser “vítimas de um amplo sistema de massificação do conhecimento e assim deixar de exercer reflexões fundamentais para o desenvolvimento integral do ser humano”. Algumas atitudes desfavorecem as relações de ensino e aprendizagem e os alunos respondem como espelhos, refletindo o tratamento inadequado, iniciado, às vezes, pelo próprio educador.



Cristina se recordou com sete anos, pedindo à professora para ir ao banheiro e escutando como resposta: não aceito mais desculpas para sair da sala. Você não tem vontade de fazer xixi, mas de escapar da prova e, então, Cristina sentiu escorrer pelas pernas um líquido quente, com profundo prazer de mostrar que tinha xixi dentro, mas esse prazer de mostrar ficou mesclado com vergonha. Vergonha que encobria a possibilidade de escolher quando, onde e o que mostrar. (FERNANDÉZ, 2001, p.20)

A tradicional estrutura escolar apresenta uma concepção errônea da necessidade verdadeira da criança da pré-escola e séries iniciais do ensino fundamental, pois suas ideias sobrevivem de controles exclusivamente racionais. “A projeção trazidas por nossas emoções multiplicam os riscos de erro. Poder-se-ia crer na possibilidade de eliminar tal risco, recalcando-nos na afetividade, porque o desenvolvimento da inteligência é inseparável da afetividade.” (MORIN, 2004, p.20).

Em geral nós educadores reconhecemos as infinitas interrogações que permeiam nossa profissão. Muitas dessas interrogações encontram-se nas possibilidades de como e quando alfabetizar. A educação do futuro deverá começar a se abrir para os novos paradigmas e propor uma atitude pedagógica que satisfaça o ser humano nos aspectos: biológico, psíquico, social, cognitivo e afetivo. O conhecimento possibilita a mudança de valores e posturas. Uma atitude psicopedagógica pertinente reconhece esse caráter multidimensional e favorece a aptidão natural da criança em formular e resolver os problemas essenciais estimulando o uso das múltiplas inteligências no livre exercício da curiosidade; na definição de Dimenstein e Alves (2003, p.53): “É preciso lidar com o prazer da curiosidade, da criatividade, da incógnita, ou nunca será um bom professor, ainda mais nas fases da infância e adolescência, onde elas se apresentam intensamente vivas”.

No futuro o ensino centrar-se-á na condição humana e ensinará a compreensão (MORIN, 2004). A consciência de afetividade e solidariedade será condição de garantia intelectual e moral, porque compreender inclui um processo afetivo da humanidade, porque compreender inclui afeto, empatia, identificação e projeção.

Por isso a importância deste estudo para a psicopedagogia, pois este poderá contribuir com a educação que visa o ser em sua plenitude e não apenas o seu limitado aspecto intelectual. Todavia será necessário cuidar do professor (cuidador)

e “gestor de experiências” para Dimenstein; Alves (2003, p.69) e orientá-lo a dedicar-se em sua orientação à entidade humana por inteiro, principalmente através do afeto.

Quando o professor olha para seus alunos sentindo que a realidade do mundo constitui um dado concreto e que cabe a ele transmiti-lo, e não apenas uma concepção da mente da cada criança que a interpreta segundo suas experiências e crenças, e recita conceitos clássicos desassociando-os das realidades que cada criança ao viver já aprendeu, na verdade está apenas fazendo um discurso que será memorizado transitoriamente pelo aluno, e nunca trabalhando sua transformação pelo incorporar dos novos saberes aos saberes presentes. (ANTUNES, 1999, P.17)

O estudo proposto foi efetuado a partir de uma pesquisa realizada a partir das práticas das crianças do Centro Educativo Espaço CreSer – Porangaba – SP, que vem experimentando as técnicas da alfabetização emocional além da intelectual, dos exercícios de Biopsicologia através do Círculo de Amor e também da realização do Programa Transforma para Educadores que oferece práticas, as quais visam a saúde integral e a ação educacional mais amorosa e equilibrada, para melhorar a relação entre os indivíduos que estão no processo ensino-aprendizagem direcionado ao primeiro setênio e séries iniciais do ensino fundamental.

No primeiro capítulo será abordado o desenvolvimento orgânico natural da criança para compreender como intervir e estimular sem desrespeitar esse momento de extrema importância para a estrutura do conhecimento. Em seguida, propostas de orientações serão indicadas a nós educadores para medirmos como auxiliares nesse momento precioso dos primeiros anos de alfabetização para a organização humana do ser. Para finalizar, no terceiro capítulo serão apontados exercícios, segundo a Biopsicologia, que estimulam o desenvolvimento integral do ser para alcançar uma educação mais verdadeira dentro e fora dos portões da escola e assim educar inteiramente a criança. Segundo Freire (1996, p. 109) “o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido quanto mais solidariedade exista... mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola”.

O objetivo geral é mostrar a importância da reflexão para nós educadores com relação à necessidade de respeitar a evolução orgânica e a maturidade da criança, diante da alfabetização e abstração precoces.

Também tenho em foco as conduções cordiais dos educadores que estão em instituições escolares, profissionais estes, que através de seu exemplo equilibrado e afetuoso alcançam o desenvolvimento efetivo de seres humanos.

Os objetivos específicos estão a seguir:

- Verificar os princípios educacionais nos primeiros sete anos para oferecer a orientação adequada ao temperamento e à capacidade da criança sem destruir sua criatividade e desenvolvimento integral.
- Propor reais soluções para o estado emocional dos educadores institucionais, através de práticas para a saúde integral afim de que desenvolvam uma atuação verdadeiramente afetuosa e equilibrada ao desempenhar seu papel.
- Analisar a realidade da educação infantil que impõe a alfabetização às crianças com maturidade orgânica não elaborada, que por consequência vêm desenvolvendo comportamentos de hiperatividade, déficit de atenção e depressão.

## **2 – ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL: UMA VISÃO PLURALISTA PARA DESENVOLVER A ADEQUADA EVOLUÇÃO ORGÂNICA DA CRIANÇA E RESPEITAR AS DIVERSIDADES DE TEMPERAMENTOS.**

A alfabetização para crianças que não possuem estrutura orgânica para tanto e o tratamento das crianças como recipientes onde se depositam informações, cuja exclusiva função é somente intelectual, têm formado seres humanos mecânicos que convertem sua frustração em agressão ou apatia.

Sempre recusei os fatalismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam. [...] a morte da utopia e do sonho, reforça, indiscutivelmente, os mecanismos de asfixia da liberdade. Daí que a briga pelo resgate do sentido da utopia de que a prática educativa “humanizante” não pode deixar de estar impregnada tenha de ser uma constante. (FREIRE, 1996, p. 129)

Atualmente percebemos a frustração dos educadores a cada geração produzida pela escolaridade: crianças agressivas, hostis e apáticas. Segundo Alves (2003, p.22) “deformadas pela escola, pois a educação formal, precisamente porque ela “en-forma”, tem o resultado de deformar. Um ser humano “formado” é “deformado”, porque toda forma é fechada. Formar é fechar e o propósito de educação é abrir. Crianças que nascem com alto potencial de aprendizado são confinadas em formas”.

O resultado da má orientação educacional é vivenciado por todos nós, pertencentes à desestrutura social estabelecida. O que é que interessa realmente? São números de matrículas? Presença estimulada por bolsa escola? Ou aprovações

sem medidas, mascaradas por ciclos formadores de cidadãos alfabetizados operacionais?

Mais do que nunca necessitamos estimular as crianças a prosseguirem, “educá-las por inteiro, na constante proposta por Freire (1996), e não como robôs que tendem a agradar professores e pais com respostas programadas”. Mas o que é uma criança inteira? Quais são as dimensões cognitivas a serem desenvolvidas? “O homem se desenvolve não somente pela aquisição de novos conhecimentos e técnicas. Ele evolui, sobretudo pelo aperfeiçoamento de suas faculdades anímicas, mentais e morais. Ele vive adquirindo novas faculdades” (LANZ, 2003).

A criança inteira necessita de uma educação que desenvolva todas as potencialidades humanas, sem negligenciar nenhum aspecto de sua vida e nenhuma faculdade. Para Andrews (2004, p.47) “a educação integral considera e estimula todos os níveis mentais: consciente, subconsciente e superconsciente. Tal educação é fundamentada em práticas humanistas que têm como objetivo principal educar a partir da afetividade”.

“A mente consciente, os sentidos, é também a camada dos instintos, pois quando estimulada pelos órgãos sensoriais, age para materializar seus desejos através dos órgãos motores” (ANDREWS, 2004). Nesse sentido somos semelhantes aos animais e uma das funções da educação é oferecer um ambiente enriquecido, o qual proporcione o desenvolvimento dos cinco sentidos e de atividades motoras. Afirma Heydebrand (2002, p.60) que brincar na pré-escola é tão importante para o desenvolvimento da criança, que nenhum educador deveria admitir que ela não brincasse, ou só o fizessem em escala reduzida. Brincar simplesmente a fim de desenvolverem nisso sua fantasia. Isso é mais importante do que o ensino e as ocupações intelectuais praticadas na maioria das escolas. “Deveríamos evitar atividades intelectuais e não artísticas de caráter abstrato e alheio à vida real da criança, a escola deveria proporcionar brincadeiras, práticas artísticas e atividades para imitar afazeres e trabalhos de adultos”.

Ao invés de oferecer o conhecimento abstrato e simbólico deveríamos oferecer à criança espaço e material que estimulem o desenvolvimento integral. Poderá haver sofrimento maior para uma criança que se sentir forçado a mover-se numa floresta de informações que ele não consegue compreender, e que nenhuma relação parece ter com sua vida (ANDREWS, 2006)?

Quanto aos níveis: subconsciente e superconsciente, conforme Andrews (2006, p.23), “o primeiro, o reino do intelecto cria os conceitos de conservação, gradação, classificação, causa e efeito, quantidade, tempo e espaço. Ultimamente as crianças não compreendem até mesmo a forma superficial de abstração e nós atribuímos isso à falta de orientação, cedo o bastante, ao pensamento abstrato”. Porém o que acontece é o inverso: falhamos ao proporcionar-lhes experiências sensório-motoras concretas o suficiente, das quais mais tarde a abstração pudesse surgir. Não podemos negligenciar outra função da mente consciente: a memória. Quando a mente consciente fica relaxada pela música ou reflexão, e a mente subconsciente, sem a interferência dos sentidos, é ativada, ela recebe, armazena e resgata qualquer informação, desenvolvendo assim, seu mais pleno potencial. “Quando sugerimos estratégias para o desenvolvimento da Alfabetização Emocional, o fazemos na esperança de que as ações vivenciadas ampliem o acervo de fichas na memória de longo prazo do aluno, e que esses sinais possam ajudá-lo a eventualmente administrar suas emoções.” (ANTUNES, 1999, p. 18).

A escola necessita ampliar seu olhar e como diz Dimenstein e Alves (2003, p.99) “ser criativa, ser farol, ser modelo para considerar as competências intelectuais humanas que vão além da matemática e língua portuguesa, as crianças estão à espera de uma nova escola que possa fazê-las geniais e até mesmo felizes em descobrir a si mesmas”.

Segundo Morin (2004) as instituições escolares enfatizam em suas propostas apenas o desenvolvimento intelectual e racional: ler, escrever, decorar, analisar, etc. Porém as práticas humanistas movimentam-se em uma dimensão mais ampla: a mente superconsciente. Todos sabem que o pensamento metafórico ou a resolução de problemas, a criatividade acontece quando a mente transcende a mente subconsciente racional e são elevadas ao superconsciente.

A importância da fantasia e do imaginário no ser humano é inimaginável; dado que as vias de entrada e saída do sistema neurocerebral, que colocam o organismo em conexão com o mundo exterior, representam apenas 2% do conjunto, enquanto 98% se referem ao funcionamento interno, constituiu-se um mundo psíquico relativamente independente, em que fermentam necessidades, sonhos, desejos, idéias, imagens, fantasias, e este mundo infiltram-se em nossa visão ou concepção do mundo exterior. (MORIN, 2004, p.21)

Então imagens referenciais e remotas flutuam em livre associação da mente formando novas conexões sintéticas num nível mais profundo que o pensamento analítico. Tal camada da mente superconsciente não deveria ser ignorada pelas escolas, por que sabemos que o cérebro humano, ao considerar seus hemisférios, e principalmente o direito, é responsável pelas atividades de imaginar, criar e intuir e, portanto não há como ignorar este potencial que é próprio do ser humano. Para Heydebrand *apud* Steiner (2004, p.25) “nenhuma criatura poderá se desenvolver adequadamente, se quem cuida dela não puder compreendê-la em sua maneira de ser, em suas necessidades vitais”. Por tal motivo o educador terá um procedimento proveitoso quando obtiver noção da evolução orgânica e sua força no estímulo para o crescimento e para a vida.

Os organismos evoluem, segundo a Antroposofia, de acordo com a força formadora que age de maneiras diferentes fazendo surgir a diversidade humana, explica através dos temperamentos a seguir.

## **2. 1 - Criança com o temperamento sanguíneo**

Tem como natureza rítmica a respiração e a circulação. Esta criança sente-se à vontade no ar, gosta de cavalo de balanço, sobe em árvores altas, balança em galhos oscilantes. Esta criança dança com o vento, gira e movimenta-se, pois possui organismo flexível e leve.

Para educá-la é necessário ritmo calmo em sua vida cotidiana. A criança sanguínea não concentra facilmente sua atenção, por isso o educador terá que desenvolver paciência e estipular uma constância em sua vida. “Nada é mais importante para a educação do que a criança amar o seu educador” (HEYDEBRAND, 2004, p.29).

A criança deste temperamento deve sentir-se ligada por lealdade a quem é responsável por sua educação, equilibrando assim seu temperamento. O educador que respeita a evolução orgânica fornecerá possibilidades para extravasar seu excesso de sanguinidade. Também será bom arranjar variedade e distração nas atividades, quanto mais estimular a criatividade em quadros variados, tanto permanecerá focada. Gosta de contos de fadas e histórias.



**Figura 4:** Temperamento sanguíneo gosta de histórias e contos de fadas.  
**Fonte:** <<http://www.google.com.br/images>> (2010).

Sente prazer em aliviar o sofrimento alheio, por isso na medida de suas forças infantis é importante trazê-las para tal tarefa.

Outra forma de orientação para esta criança, que tem em sua atuação e expressão as pulsações do coração e o ritmo da inspiração e da expiração é o “relaxamento profundo que diminui os batimentos cardíacos, a frequência respiratória (de quinze para dez respirações por minuto), relaxa os músculos e acalma a mente”, conforme Andrews (2001, p. 78).

## **2. 2 - Criança Melancólica**

É a criança que arrasta seus pés e anda de cabeça baixa. Cansa-se facilmente. Tem tendência à miopia e ouvido bem formados. Gosta de cantar. Procura recantos silenciosos e escuros para meditar, esconde-se e senta-se quieta (HEYDEBRAND, 2004, p.30). É introvertida, apresenta rosto sombrio e tem o olhar ansioso às brincadeiras das outras crianças. “Quando decide interagir fica feliz e pede simpatia e sente-se profundamente triste na hora da despedida. Ela pensa muito e relaciona-se consigo mesmo, por isso às vezes é totalmente incompreensível aos adultos porque representa papéis surpreendentes”. Sente-se geralmente triste e mal humorada, como se não possível conformar-se com a realidade.





**Figura 5:** Criança melancólica relaciona-se muito consigo mesma  
**Fonte:** <<http://psiquecienciaevida.uol.com.br>> (2010).

É sensível e se ofende fácil. Sente-se sempre observada na presença do outro, no íntimo envergonha-se de si própria. É demasiadamente consciente para sua idade, parecendo um pequeno adulto e faz perguntas ponderadas. Ocupa-se com seus erros (travessuras infantis) e prefere brincar sozinha (HEYDEBRAND, 2004). Gosta de histórias longas e tristes, mas fica agradecida quando alguém a faz rir, embora se afaste da diversão, pois afinal, não lhe desagrada ser triste.

Requer muito cuidado e, amorosa, compreensão do educador para não acumular dentro de si inibições. Precisa de alguém para confiar seus segredos. Uma palavra amiga e compreensiva ganha sua confiança e seu coração.

### **2. 3 - Criança Colérica**

O temperamento do organismo desta criança é principalmente ter certeza do que quer e como conseguir, sua força de vontade é forte. Tem muita disposição e gosta de acordar cedo, não precisa dormir muito. Segundo Heydebrand (2004, p.36) “em sala de aula é sonhadora e ocupada de si mesmo, só participa daquilo que a empolga. Gosta de histórias de coragem e audácia e quando as conta é dramática, uma atriz temperamental. Gosta de desenhar e aperta o lápis na hora de usá-lo para

pintar com vigor”. Quanto aos conceitos morais é impiedosa ao que se diz mal, e o bem merece pouco elogio. Não demonstra arrependimento.



**Figura 6:** Criança colérica se tomada pela raiva fica fora de si.  
**Fonte:** <<http://a-grande-guerra.blogspot.com>> (2010)

Quando a criança colérica suporta desagradados por determinado tempo sem perder a brandura, de repente sem aviso prévio entra em erupção como um vulcão.

Se a criança for tomada pela raiva, ela debate-se e fica fora de si, sem que as pessoas ao redor possam ajudá-la. Este temperamento requer imensa paciência do educador e maior domínio de si mesmo. É fácil perder o controle em sala de aprendizagem diante da criança colérica e reagir de forma agressiva. Na realidade o que importa é manter a serenidade diante de qualquer atitude furiosa da criança. É muito importante para a educação do colérico a calma do educador e o não reagir diante das emoções. Andrews (2001, p.78) diz que algumas práticas simples (que serão apresentadas no próximo capítulo) como exercícios de respiração diafragmática, exercícios de biopsicologia, automassagem, relaxamento profundo e meditação, trazem relaxamento completo para lidar, sem fracassar, com o estresse e as emoções tão essenciais para o crescimento e o desenvolvimento pessoal do aluno e também do professor.

Com a criança colérica é melhor dialogar depois, de preferência no dia seguinte, e então com ela mais calma e serena será mais fácil para o educador atingi-la. Teremos de apresentar oportunidade para esta criança

extravasar suas forças sem causa prejuízos: pregar, carregar, levantar objetos mais pesados são ocupações sadias. Convém encarregar estas crianças de tarefas que ultrapassem suas forças, ela precisa fazer esforço para perceber que não é tão impotente quanto pensa (HEYDEBRAND, 2004).

“O pequeno colérico precisa de espaço para mover-se livremente e jogar-se no chão, em cômodos pequenos os coléricos são insuportáveis”, de acordo com Heydebrand (2004, p.38), imagine-os em salas escuras, com trinta e cinco carteiras e corredores onde mal se movimentam?

A criança colérica gosta de chegar às suas próprias conclusões pelo seu próprio discernimento: gostam de comer, vestir-se e organizar-se sozinha. “É por afeição que tal criança aprende a conter seus instintos e até no momento de expressar seu amor é fervorosa: morde a mãe e os irmãos, empurra e dá murro nos amigos ou até mesmo joga coisas em seus professores” (HEYDEBRAND, 2004, p.39).

Se o professor conseguir-se manter sereno aos ataques de raiva da criança colérica, o resultado será ainda mais eficiente, se no dia seguinte, o professor e aluno se falarem. A criança ficará agradecida por qualquer apoio moral, pois ele gostaria de ser menos explosivo, mas não tem forças suficientes para tanto, por isso espera dos adultos uma direção enérgica e compreensiva.

## **2. 4 - Criança Fleumática**

É a criança que senta escarrapachada na carteira e olha de forma apática para frente, é um sonhador. Tem ótima memória, mas seu raciocínio é muito lento, não é capaz de reflexões rápidas, portanto seu professor tem que ter muita paciência para obter sua resposta. Necessita de oportunidades para praticar.

Pinta com entusiasmo e tranquilidade. É calmo e tranquila. No recreio prefere comer a brincar e se a criança o derruba ele levanta devagar, sem manifestar sinal de surpresa ou de dor. Gosta de ficar só e tem poucos amigos, ele é calmo demais para os outros. Quando brinca apresenta fantasia bem fraca. Brinca sempre da mesma forma, tem um senso de ordem bem pronunciado, quase que pedante cada coisa tem o seu lugar e lá deve permanecer. É apegado às tradições (HEYDEBRAND, 2004).

A criança fleumática custa a aprender a falar e fala devagar, mas possui ótima musicalidade, é capaz de sentar-se numa almofada e cantar a mesma melodia por um longo tempo.



**Figura 7:** O temperamento fleumático possui ótima musicalidade.  
**Fonte:** <<http://2.bp.blogspot.com>> (2010).

Quando esta criança aprende e assimila, ela pratica pontual e criteriosamente, por isso é confiável dar-lhe qualquer tarefa. Sempre quer ouvir as mesmas histórias. Conhece muitas poesias e canções, nunca canta errado.

Os adultos deveriam de vez em quando brincar com ele, animando-o, acelerando o ritmo de seus jogos.

Se a criança cochila em seus jogos ou nas atividades escritas é bom acordá-la e fazê-la voltar a si. Uma forte simpatia pelo educador faz o fleumático se despertar e ter interesse pelo aprendizado.

Heydebrand (2004, p.48) diz:

Quanto à evolução orgânica e desenvolvimento dos temperamentos, em vários casos foram observados uma mistura de temperamentos; além disso, “o verdadeiro temperamento infantil é o sanguíneo. Pode haver uma mistura de temperamentos, sanguíneo-coléricas ou sanguíneo-fleumáticas. A combinação do sanguíneo com outras alivia de certa forma e torna os relacionamentos e tratamentos mais fáceis. Como educadores devemos ser cuidadosos para não restringir ao quadro exterior e superficial que as crianças nos

oferecem, é preciso penetrar mais fundo e chegar ao seu ser verdadeiro, sua evolução orgânica natural.

Enfim, sejam quais forem as combinações, conhecer o educando além do intelecto fortalece o processo de ensino-aprendizagem e traz menos conflitos traumáticos às crianças e aos professores.

### **3 – O PAPEL DO EDUCADOR PARA UMA RELAÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM HUMANISTA**

“Quando a criança vai passear de mãos dadas com um adulto desenvolve em si segurança e afetividade. Quando a criança fala deve praticar honestidade, as palavras devem exprimir a verdade de forma clara e coerente conforme seu pensamento” (LANZ, 2003, p. 45) e isto exige a observação da conduta dos adultos que querem assumir o papel de educar crianças.

As instituições escolares, em sua maior parte, desenvolvem pedagogias e metodologias para estimular o hemisfério esquerdo- racional- e assim, outra metade inteira é ignorada. É raro encontrar entre a leitura, a escrita e a aritmética, recursos que exigem imaginação, criatividade e intuição, e mais que respeitem diversidade de temperamentos infantis e a forma adequada para lidar com cada um deles. Para Alves (2004) grande parte dos educandos, crê que só há uma resposta correta pra cada questão e esperam que tais respostas sejam ensinadas. “A própria escola faz o papel de transformar crianças inventivas e capazes em jovens com pensamentos restritos. As crianças são ensinadas, aprendem bem, tão bem que se tornam incapazes de pensar diferentes coisas” (ALVES, 2004, p.29). Na verdade o medo de errar, constante numa sociedade competitiva, inibe quaisquer atividades do lado direito do cérebro, podendo até destruí-lo, formando então jovens e adultos com falta de imaginação e de independência de pensamento.

“Como todo organismo social vivo deve cumprir o seu papel” (LANZ, 2003, p.93), as escolas devem permitir mudanças intensas em seus papéis, desenvolvendo a educação integral que leve em consideração ambos os hemisférios do cérebro e as diferentes evoluções orgânicas, a complementação do intelecto com a criatividade fundamenta as realizações da humanidade e tornem então realmente úteis à vida da criança. “Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva

ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo” (FREIRE, 1996, p.108).

O desenvolvimento apropriado ao ser humano deve ser dirigido por pensamentos plenos, que não trabalhe da parte para o todo, como a mente analítica, mas abranja a totalidade das situações fornecendo benefícios para a sociedade. “O corpo é o lugar fantástico, onde mora, adormecido, um universo inteiro” (ALVES, 2003, p.93). O educador que considera a criança e respeita sua evolução como também seu temperamento, já sabe que uma experiência corporal estende-se a todo organismo infantil, o que refletirá intensivamente no processo de alfabetização.

As crianças em seus primeiros sete anos é um ser sensorial imitativo, pois aprende através da imitação do meio ambiente. Quando obrigamos erroneamente a criança a andar, falar e pensar através de métodos externos e padronizados - considerando somente o presente, contrariando o processo natural e não nos limitando a apenas orientá-las - tomamos uma atitude educativa que desconsidera a vida em sua totalidade. Quando, ao contrário, nos atentamos ao íntimo sentimento de amor para a evolução do organismo é possível admirar e auxiliar na construção do andar, do falar e do pensar. O professor que acompanha o aluno e estimula cada manifestação natural, respeitando seu temperamento, produz nele um metabolismo sadio. Alunos que durante o aprendizado são conduzidos amorosamente fortalecem seu organismo e sentem-se preparados para o aprendizado exclusivamente intelectual, para isso é preciso paciência, respeito e estímulos corretos a cada fase da criança (LANZ, 2003).

Como ensinar uma criança a ler e escrever se sua estrutura orgânica ainda pede embasamento: pular corda equilibrar-se, correr, brincar com argila e areia, arrastar, engatinhar, dramatizar, cantar, fantasiar? A maneira como a criança aprende a andar, a orientar-se no espaço, a expressar-se corporalmente, tudo isso se transporta naturalmente para o cérebro, manifestando-se na fala. Steiner (1996, p.16) afirma que na evolução orgânica, o falar de uma criança que tropeça ao andar é diferente daquela que anda firmemente, pois todo o matizado da fala é devido à organização motora. A manifestação da vida é observada primeiramente pelos gestos que se transformam no elemento motor da fala. O falar é resultado, portanto andar, da orientação espacial e aquela criança que é conduzida amorosamente a andar provavelmente dominará a sua fala. A questão então é: o que realmente importa a uma criança de pré-escola? Experiências as quais estimulem esquema corporal, orientação espaço-temporal, percepções sensoriais, teatro, música, dança

ou papéis digitados que solicitam grifar, pintar, circular, ou seja, simbolizar algo que o corpo não aprendeu? Qual é a verdadeira finalidade desse tipo de orientação educacional?

Exatamente como o falar surge do andar, do apalpar, do movimento humano, surge o pensamento depois da fala. Durante o aprendizado da fala, a mais sólida veracidade é que façamos predominar a clareza do pensamento, para que ela, sendo um órgão sensorial, reproduza interiormente um pensamento correto em sua fala. Steiner (1996, p.18) defende que “provocar confusão pelo pensar em presença da criança é a verdadeira raiz daquilo que chamamos de nervosismo. Muitas pessoas da nossa geração são tão nervosas pelo fato de ter convivido com adultos que não pensavam de forma clara. As enfermidades metabólicas são conseqüências da ausência de afeto no aprendizado do andar, falar e pensar”.

Todo o estímulo oferecido às crianças deve passar pelas atividades sensório-motoras e intelectuais, como os educadores vêm fazendo com excelência, mas qual é o papel do educador para praticar um ensino mais humano? Como é que o processo educativo pode despertar nos seres humanos o desejo de conhecer e transformar a sociedade em que vivemos? A função de “em-formar” não basta à educação, afinal toda forma é fechada e processo educacional é completamente o contrário, a função do educador e da escola é mobilizar!

O educador deve ser estimulado a ter consciência de sua tarefa especial com cada aluno e ter presente as evoluções do indivíduo e da humanidade, pois cada conteúdo a ser discutido despertará o interesse pela transformação do mundo.

Nesse mesmo quadro, quando o professor exige a atenção do aluno ou então promove a chantagem emocional de implorá-la, está se distanciando dos fundamentos científicos que explica quando e como o cérebro fica efetivamente atento. Assim, pois, esta receita de exigência ou de apelo precisa ser substituída por ensinamentos que despertem o interesse ao associar o novo ao velho, que acentuem a motivação por fazer o aluno o centro de conexões entre essas evidências, que mostrem coerência com o desafio que a vida impõe e, sobretudo, que sejam passados através de técnicas diversas, estimuladoras das diferentes inteligências, usando jogos operatórios, e não mais, apenas se repetindo em intermináveis aulas expositivas, como se não existissem outras ferramentas estimuladoras de atenção e da aprendizagem significativa (ANTUNES, 1999, p.18).



Trata-se de uma grande responsabilidade, pois quando um educador entra em cena, um ser humano com todas as suas qualidades e limites, atua. Portanto, ele se sentirá fortalecido diante de sua complexa tarefa, ao lembrar-se que seu trabalho não visa só o intelecto, mas também os seus sentimentos e de seus alunos, e mais, que tem como meta última o desenvolvimento moral de toda a sociedade.

Estamos falando de relações que não se restringem ao fato de transmitir conhecimentos intelectuais somente, por que somos seres influenciados em nossas funções mais íntimas pelas forças das emoções. Antunes (1999, p.23) explica que “a evolução de nossa espécie deu à emotividade um papel essencial para a solução dos problemas mais proeminentes da vida. É ela quem nos conduz quando surgem provações essenciais para serem deixadas apenas à nossa pobre intelectualidade.” O que nos faz refletir que pensar sobre o estado emocional do educador é fundamental para qualquer processo ensino-aprendizagem.

Em outras palavras, a índole do educador pré-escolar age sobre a criança. Nessa fase o educando não se satisfaz com conhecimento puro, simbolizar não basta, fatores importantes são: o ser do professor e as vivências propostas por ele. Sendo a figura central, é de suma importância preocupar-se com a formação humana e emocional do professor pré-escolar e com o quê e como está ensinando. Tudo isto exige observação na conduta dos adultos que querem assumir o papel de educar crianças. Ser humano é a primeira e mais difícil função do educador. “O ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolar, caracteres antagonistas [...] o homem da racionalidade é também o homem da afetividade...” (MORIN, 2004, p.58). O afeto é a base do comportamento social e o professor pré-escolar diariamente encontra com seres humanos em plena formação. “Quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe é uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro” (ALVES, 2003, p.83). Podemos criar uma sociedade mais justa se as escolas despertarem em seus alunos o desejo pela cultura, criatividade, paz, autonomia e afeto.

Uma comunidade escolar mais humana conta com educadores que se responsabilizam pela educação intelectual e também por suas emoções. São representantes da integridade e da afetividade, são cuidadosos com cada um de seus atos porque querem cultivar o bem-estar em seus alunos e nas futuras gerações. Nós educadores participamos do progresso moral da humanidade. Na

opinião de Antunes (1999, p.19) “A alfabetização emocional jamais nos tornará menos nós mesmos, mas ampliará os limites de nosso autoconhecimento e de nossas opções para que se trabalhe a empatia, automotivação e outros processos emocionais.”

O educador amoroso torna-se atento ao seu aluno, considera a sua vontade de aprender, que é inquestionável, e busca formas adequadas para acessar o mundo infantil. Não há como crianças menores de sete anos não prestarem atenção a ensinamentos que dizem respeito à sua vida. “O aluno Felipe não conseguia concentrar a sua atenção nos pensamentos que deveriam ser pensados, os pensamentos que o professor mandava” (ALVES, 2005, p.39).

Quando um professor pensa em somente preparar a criança para o mercado de trabalho, enquadrando-a e reduzindo-a a apensar como todo mundo pensa, está garantindo ao “aluno ser igual à forma, saído da forma. Para isso você passou todos aqueles anos na escola, para se com-formar, ficar igual à forma” (ALVES, 2003, p.114).

Morin (2004, p.23) diz:

Esta é a típica educação que mata a evolução. A racionalidade deve reconhecer a parte do afeto, de amor, de arrependimento. O ser humano quando criança precisa mais do que tudo de afeto e compreensão, de educadores conscientes que apontem caminhos e os orientem de forma correta para que quando adultos no futuro, sejam criativos e tenham autonomia para seguirem seu caminho conforme sua individualidade não a daqueles que mecanicamente os pré-fabricaram.

O que a humanidade, em suas complexas condições, necessita é uma educação para a libertação do intelecto; uma educação que ensine o ser humano a desenvolver suas maiores potencialidades. Enquanto educadores, devemos assumir o compromisso de orientar as crianças desde a mais tenra infância a conhecer sua criatividade e intuição. Tais habilidades são naturais da natureza infantil e desaparecem devido às desaprovações dos adultos que sistematizam o saber e o conhecer pelo processo educacional. “É igualzinho na televisão. A gente aperta um botão e o canal muda. Na escola é a campainha que faz mudar o canal do pensamento. Esse deve ser o jeito certo. Pensar as coisas certas nas horas certas, ao aperto de um botão” (ALVES, 2005, p.36).

Trata-se de um grande desafio, para os educadores, respeitar os temperamentos durante a evolução orgânica e preservar as potencialidades da mente infantil e mantê-la saudável, no sistema atual de educação que pretende qualificações para concurso vestibular e mercado de trabalho. Assim, a introspecção é essencial a todo educador, para desenvolver a habilidade de refletir e reavaliar o que realmente é significativo no processo ensino-aprendizagem.

“Educar demanda grande esforço, e uma das artes da educação é a ética da compreensão. Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos a caminho da humanização das relações” (MORIN, 2004, p.100). O professor em sua atuação deve sempre se perguntar e refletir sobre o que favorece a compreensão. O modo de pensar que abrange a totalidade (texto e contexto; ser e ambiente em que vive; local e global) e a introspecção, que é a prática de se auto-avaliar, já que a compreensão de nossas falhas permite a compreensão do outro, o que é imprescindível na educação. O professor que descobre e reconhece suas fragilidades e imperfeições, descobre a empatia e a importância da mútua compreensão. Afirma Morin (2004, p.100) que “o auto-exame crítico permite que nos descentremos em relação a nós mesmos e, por conseguinte, que reconheçamos e julguemos nosso egocentrismo. Permite que não assumamos a posição de juiz de todas as coisas”. Apresentar compreensão é uma atitude de afeto e requer a consciência da complexidade de educar seres humanos.

Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de constância, da condição comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas... (MORIN, 2004, p.61)

Toda educação compreensiva cria condições para proporcionar experiências apropriadas. “O que importa é a compreensão. O educador deve concentrar-se nas crianças a ele confiadas e almejar o entendimento. Deve sempre como que dar a volta em torno do pequeno ser humano, olhá-lo de todos os lados e nunca cansar de estudá-lo quanto a sua evolução” (Heydebrand, p.48, 2004).

A compreensão permite não só ensinar, mas também aprender, ela nos torna abertos e favorece a troca com o outro de forma a sentirmos compaixão e empatia, é mais que pré-alfabetizar é orientar e alimentar o ser em todos os aspectos e dimensões de ser humano. A compreensão supõe democracia, daí a importância de

educar integralmente em todas as idades e níveis. A aceitação da vitalidade, produtividade e criatividade da criança sem "formá-las" antes de sua maturação orgânica completa.

O respeito à evolução preserva a auto-estima e o equilíbrio das emoções que são estruturas insubstituíveis para o ato de aprender, justamente nessa fase de significativas aprendizagens deve-se considerar a índole e as qualidades do educador pré-escolar, pois a criança aprende principalmente pela imitação. Por mais paradoxal que possa parecer, a criança, sente tudo o que se passa em sua volta. Portanto, diante da complexidade da meta pedagógica e da responsabilidade, a meditação e a reflexão íntima são partes do trabalho do educador; Heydebrand (2004, p.45) afirma:

Convém aprofundar-se na criança e ver o que aquele aluno a ser educado tem para realizar o que há de melhor. Os resultados de tal meditação efetiva e sempre repetida facilita o processo de ensino-aprendizagem. Mesmo as crianças mais problemáticas transformam-se sobre esta influência. "Se o educador e o educando estiverem ligados por laços afetivos vivos, a criança recebe sua boa influência". Ao contrário, um desinteresse íntimo põe em risco o aprendizado da criança e sua relação com o professor, trata-se, de algo além do poder intelectual e analítico.

A criança experimenta o mundo com toda atenção, verdade e com todo o seu organismo, pois o intelecto é fortalecido, nessa fase, através de experiências sensoriais, fantasia, atividades lúdicas. Cabe a nós educadores respeitar a sua aprendizagem, sem atropelos e antecipações, oferecendo-lhes bons exemplos e liberdade. É preciso interferir como orientadores e guias, mas com total cautela, pois nesse precioso momento poderá ser prejudicial qualquer atitude ansiosa para toda a sua organização humana, podendo resultar em desequilíbrios emocionais e enfermidades.

Andrews (2004, p. 27) afirma que tais pensamentos e sentimentos ocorrem na mente "superconsciente que é o reino da intuição e da criatividade, que está além da esfera lógica e racional da mente subconsciente". De tal compreensão mais profunda da natureza humana resulta um discernimento da complexidade orgânica e predisposições temporais, assim é provável uma educação emocional e relações humanistas dentro de ambientes educativos que não se restringem à cognição. Para

Andrews (2001, p.69) há hábitos naturais e saudáveis que oferecem muitos benefícios para todos os aspectos da vida do ser humano, o que veremos a seguir.

### **3. 1 - Meditação**

A meditação, por exemplo, diminui desordens psicossomáticas (resfriados, dores de cabeça, insônia); alivia o estresse ajudando no revigoramento do sistema nervoso, diminuindo a secreção dos hormônios cortisol e adrenalina, causador do estresse; depressão; irritabilidade; níveis menores de ansiedade e outros (ANDREWS, 2003, p.82).

Os praticantes da meditação sentem-se mais alertas, concentrados, sociáveis, pensamentos claros, melhora significativa no processo de raciocínio e memória. Uma das razões para o aumento de tais capacidades é que durante a meditação o há um aumento do fluxo de sangue (e oxigênio) em 35% para o cérebro e tal suprimento de sangue está intimamente relacionado à nossas habilidades mentais. De acordo com Andrews (2003, p. 83), apud Revista Galileu (1998):

Centenas de pesquisas em mais de 27 países listam os extensos benefícios da meditação, tais como [...] “a melhora do desempenho escolar e profissional, o aumento da concentração da aprendizagem, memória e criatividade, a conquista de uma maior estabilidade emocional e de sentimentos de cordialidade, amor felicidade e paz”.

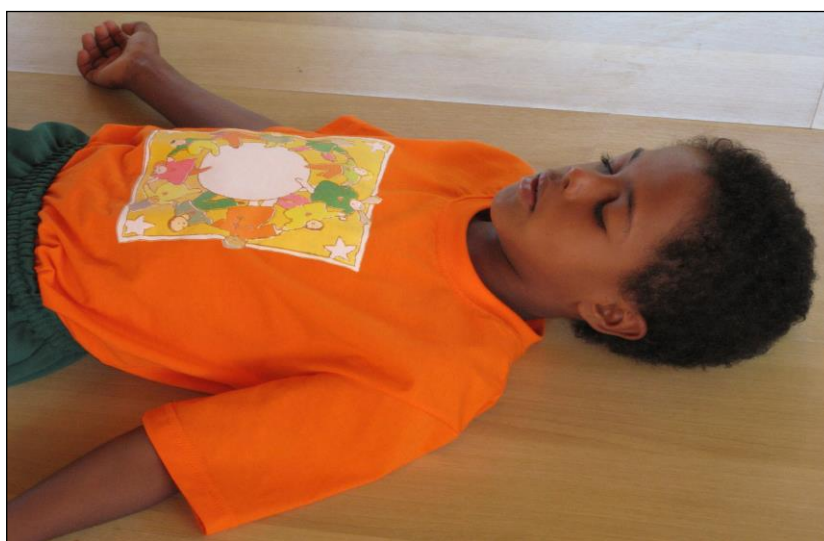
Com todos esses efeitos benéficos, não somente os professores, mas também os alunos deveriam praticar a meditação, para manter uma postura melhor de atenção, equilíbrio, saúde e compreensão.

### **3. 2 - Respiração Diafragmática**

Outro hábito natural é a respiração diafragmática, aquela respiração praticada pelos bebês, quando inspiram distendem o diafragma para baixo para absorver o máximo de oxigênio e expiram contraindo o diafragma de modo a eliminar o dióxido de carbono e toxinas para fora dos pulmões, aumentando assim as nossas energias física e mental. Andrews (2001, p.70) diz que “respirar corretamente é a chave para o sistema nervoso autônomo, e pode remover desequilíbrios causados pelo

estresse, tais como hipertensão, depressão, ansiedade, desordens de pânico, dores, problemas de menopausa, menstruais e sexuais, etc.”

As crianças especialmente, quando estão estressadas, invertem a respiração. O estresse na infância combinado com os esforços constantes de manter a barriga para dentro criam padrões inapropriados que duram a vida inteira. O diafragma fica contraído para cima o que limita a capacidade dos pulmões de absorver menos oxigênio. Como resultados temos crianças que estão continuamente cansadas, ansiosas, deprimidas e com pouca concentração.



**Figura 8:** Criança respira de forma adequada

**Fonte:** Arquivo da Instituição (2005).

Para tanto, existe um momento no projeto EduCoração para preservar na criança os padrões naturais de respiração. A respiração diafragmática, aquela que o diafragma move-se na respiração abdominal, proporciona muitos benefícios para a saúde infantil: purificação dos tecidos ao eliminar as toxinas; aumenta a concentração; pelo fato dos neurônios do cérebro terem uma alta taxa metabólica e consumir três vezes mais oxigênio do que o resto do corpo; digestão e outros.

### 3.3 - Relaxamento Profundo



**Figura 9:** Crianças em profundo relaxamento  
**Fonte:** Arquivo da Instituição (2005).

Ainda entre os hábitos benéficos à saúde, existe uma prática eficaz para aliviar o estresse, é o relaxamento profundo. Este momento para relaxar diminui os batimentos cardíacos, diminui a frequência respiratória, baixa a pressão arterial, reduz os hormônios de estresse no sangue, relaxa os músculos e acalma a mente. Andrews (2001, p.78) afirma que apenas cinco minutos de relaxamento profundo são mais relaxantes que uma hora de sono, uma vez que nessa postura basal de tensão muscular cai abaixo do que aquele que experimentamos ao dormir.

### 3.4 - Exercícios de Biopsicologia

Enfim a última forma indicada por Andrews (2001, p.75) são os exercícios de Biopsicologia, um conjunto de técnicas da “medicina corpo/mente” tais como a psiconeuroimunologia, que propõe o autocontrole das emoções negativas e seus reflexos na saúde e na vida. Visto que nosso estado mental está intimamente relacionado aos hormônios produzidos pelas glândulas endócrinas, podemos então equilibrá-las através das práticas que equilibram a secreção glandular e então se apresentar mais saudável diante das dificuldades vividas em sala de aula. Como afirma Steiner (1996, p.12) “é importante que não somente evitemos atitudes impróprias visíveis, mas que sejamos interiormente verdadeiros em pensamentos e sentimentos; por que a criança estrutura o seu ser de acordo com nossa atitude

moral, desempenho mental e afetivo”. Percebendo os efeitos dos hormônios na saúde física e no equilíbrio mental, foram criados exercícios confortáveis que pressionam específicas glândulas endócrinas e são acompanhados pela respiração diafragmática, restaurando a secreção equilibrada dos hormônios, mantém a saúde física, estimula a circulação, o tônus muscular, a flexibilidade das articulações e massageia os órgãos internos proporcionando saúde integral.

### 3.5 - Automassagem

A automassagem também é um destes hábitos naturais. Ela acelera a ganha de peso em bebês prematuros, melhora a função pulmonar em asmáticos e fortalece o sistema imunológico. A automassagem estimula o sistema linfático, que é um dos principais processos purificadores em nossos corpos. A linfa, o fluido vital que remove as toxinas e produtos residuais de cada célula do nosso organismo, não é bombeada pelo coração, mas move-se lentamente pela ação dos músculos.



**Figura 10:** Aluna faz automassagem nos pés.

**Fonte:** Arquivo da Instituição (2005).

A massagem facilita em muito o fluxo da linfa, e, por conseguinte, na purificação de todos os nossos tecidos. Um cuidado especial deve ser tomado ao massagear as áreas dos importantes nódulos linfáticos situados no rosto, pescoço, axilas, na virilha, e nos joelhos. (ANDREWS, 2003, p.79)



Alguns minutos de automassagem durante o Círculo do Amor, diariamente, relaxam as crianças, melhoram a circulação sanguínea e estimulam a endorfina que é hormônio responsável pelo bem-estar.

## **4 – INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA ATRAVÉS DO PROJETO EDUCORAÇÃO PARA ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL**

O projeto EduCoração é uma abordagem educacional destinado ao ensino infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Ele foi desenvolvido pela psicóloga e antropóloga Susan Andrews<sup>2</sup> em conjunto com educadoras que foram ligadas ao Instituto Visão Futuro para atender a necessidade de criar uma alternativa pedagógica pautada no desenvolvimento integral da criança, utilizando a afetividade como foco norteador. O projeto foi sistematizado como material didático: livro, CD, DVD que apresentam a dinâmica dos aspectos do Círculo do Amor: Círculo Mágico (narração de histórias), introspecção, exercícios de Biopsicologia<sup>3</sup>, automassagem e relaxamento. O projeto atende os educadores que há muito tempo preocupados com o mau desempenho das crianças em matemática e leitura, hoje, está se dando conta de que surgiu uma deficiência mais profunda e alarmante, no âmbito da inteligência emocional.

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão é outra. Nela encontra-se a missão da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. (MORIN, 2004, p. 93)

<sup>2</sup> Susan Andrews é coordenadora do Instituto visão Futuro (fazenda ecológica pautada na sustentabilidade) e idealizadora do projeto para alfabetização emocional “EduCoração”, que teve colaboração da psicóloga Fábila Vasconcellos e da pedagoga Cris Rodrigues.

<sup>3</sup> Os exercícios de Biopsicologia são técnicas que restauram o equilíbrio emocional e garantem boa saúde física e mental.

É fundamental para a escola criar condições ao acesso às experiências de aprendizagem que não se resumem a saberes exclusivamente formalizados. Enquanto sérios esforços têm sido feitos para elevar o padrão do aprendizado acadêmico, as escolas enfrentam também, ao mesmo tempo, o desafio de desenvolver a “alfabetização emocional” já que, atualmente, as disponibilidades funcionais e burocráticas da educação não satisfazem a complexibilidade educacional. Sinais dessa crise estão sendo revelados no radical aumento dos problemas de déficit de atenção e hiperatividade infantil e no número cada vez maior de crianças brasileiras manifestando sintomas depressivos – 15%, de acordo com um recente estudo feito pela Universidade do Paraná. (ANDREWS, 2004, p.8)

Pais pressionados por razões financeiras, a trabalhar longas horas com menos tempo para suas crianças, lançam mão da TV e dos *vídeogames* como “babás eletrônicas”, inconscientes do dano moral e neurológico que isso causa, bem como da erosão da família como fonte de apoio emocional e partindo do princípio de se “interessar pelos saberes que as crianças já possuem e ensinar o encanto da possibilidade” (DIMENSTEIN e ALVES, p.83).

São justamente as dificuldades e desafios deste contexto os que tornam mais necessária à reflexão sobre como criar espaços de subjetivação e afetividade dentro das escolas. Embora as pesquisas na neuroplasticidade do organismo humano tenham provado que nunca é tarde demais para a transformação da nossa biologia – e do nosso caráter – estudos atuais têm enfatizado a tremenda importância dos primeiros anos de vida na formação de duradouros padrões de ação e pensamento. “Quando se abre à escuta da singularidade do pensar, o trabalho psicopedagógico é fascinante” (FERNÁNDEZ, 2001, p.70).

Vemos que isso tem acontecido no crescente resgate do contar histórias para crianças; na disseminação de abordagens educativas que utilizam todas as nossas múltiplas inteligências com teatro, arte, movimento criativo e música; no número cada vez maior de adultos que utilizam massagem, relaxamento e meditação para acalmar e harmonizar crianças agitadas; e no reconhecimento da importância do amor na saúde e na evolução humana.

O Círculo Mágico<sup>4</sup> propõe nas histórias o “jogar-brincar”, segundo Fernández (2001, p.75) que convidam as crianças a participarem com o corpo e sua dramatização singular.



**Figura 11:** Crianças ouvem e interagem com a história.

**Fonte:** Arquivo da Instituição (2006).

Este estudo oferece aos educadores um projeto simples e eficaz para restaurar o equilíbrio emocional e regenerar os laços afetivos em um Círculo de Amor, de modo a ajudar crianças e adultos a abrirem seus corações, já que a escola é, na maioria das vezes, o primeiro agente socializador fora do círculo familiar. No modelo vigente, ela é ainda a base da aprendizagem, condições esta que exige dela oferecer um ambiente no qual as crianças sintam-se seguras e protegidas. No entanto, para que o aluno se desenvolva no espaço escolar, e conseqüentemente, no espaço social, é necessário que se estabeleçam relações interpessoais positivas e então possibilitar a empatia e o sucesso dos objetivos educativos. “É preciso haver dentro da escola espaços em que o professor esteja aprendendo coisas e que o aluno possa compartilhar isso” (DIMENSTEIN; ALVES, 2003, p.103).

<sup>4</sup>Círculo Mágico é uma forma de contar histórias ao redor de um tecido circular, onde os personagens são representados por pequenos bonecos e o cenário é composto por objetos simples do cotidiano escolar. As histórias resgatam valores universais e as crianças fazem intervenções, participando ativamente das histórias narradas.

## 4. 1 - O que é o Círculo de Amor

O Círculo de Amor é uma abordagem educacional composta de divertidas canções, movimentos criativos, exercícios e histórias para instilar nas crianças uma sensação de união e empatia com tudo ao seu redor. Sendo que o ato de educar constitui um processo em que as crianças e os educadores convivem uns com os outros e é nessa convivência que nos transformamos espontaneamente, o Círculo abre um espaço para esta convivência nas instituições educativas, de modo que os sujeitos nelas envolvidos possam estabelecer respeito e aceitação. “A criança gosta da escola não por aquilo que aprende, mas pelo convívio com os amigos. Que é um aprendizado importante. Importantíssimo!” (DIMENSTEIN e ALVES, 2003, p. 91). Outro espaço aberto pelo Círculo do Amor é o saber escutar.

Freire (1996, p. 127) diz:

“Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros de cima para baixo, sobretudo como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles.

Para falar com o outro é necessário uma escuta paciente e crítica, sem imposição. Para o educador que aprende a escutar as verdadeiras necessidades do aluno realiza a difícil lição de transformar seu discurso em uma fala com ele. Dentro desse espaço real de diálogo proposto pelo Círculo do Amor deixamos a avaliação por fórmulas padronizadas impostas pelo poder invisível da domesticação alienante que Freire (1996, p. 128) chama de “burocratização da mente” para nos arriscarmos sem asfixiar a própria liberdade e por extensão a criatividade”.

Seguindo a linha de uma proposta de ensino mais humanista em que o aprendizado seja construído a partir do respeito e da aceitação, Freire (1996, p.25) afirma que o professor “forma se forma e re-forma ao formar”, por isso esse momento na escola (educação infantil e os primeiros anos do ensino fundamental) é vital para as crianças, que adoram essa atividade, pois iniciam o dia escolar imprimindo um clima de alegria e amor às aulas. Seguindo ainda a linha de raciocínio de Freire (1996), “ensinar é algo profundo e dinâmico que requer aceitar desafios e respeitar a autonomia e dignidade do aluno em experiências oferecidas

pela escola para formar transformações sociais, os capacitando para ideologias dominantes”. Por fim o autor mostra a importância de estimular a capacidade criadora dos alunos e confiar nas relações afetivas estabelecidas descarta como falsa a separação entre seriedade docente e afetividade.

Nessa roda de afeição elas sentem sua carinhosa conexão uns com os outros e com a natureza, todos, como parte de uma Grande Família. “A consciência de nossa humanidade deveria conduzir-nos à solidariedade e à comiseração recíproca, de indivíduo para indivíduo, de todos para todos. A educação do futuro deverá ensinar a ética da compreensão...” (MORIN, 2004, p.78).

Esse Círculo deve apresentar-se com um ritmo amoroso, alternando momentos estimulantes com outros reflexivos, intercalando a repetição de canções com o aprendizado de novas, revezando o escutar empático com uma vigorosa atividade motora.

O Círculo do Amor na escola é a hora para o movimento criativo de mímica com o corpo e com as mãos, para a narração de histórias e compartilhamento, para silêncio e paz mental.



**Figura 12:** Crianças cantando e dançando no Círculo do Amor.  
**Fonte:** Arquivo da Instituição (2006).

É um momento para o professor se aproximar do aluno e desenvolver a afetividade através das interações sociais e assim possibilitar o aprimoramento emocional e intelectual, que também dependem do meio.

Trata-se de uma abordagem que não apenas preenche a necessidade da criança pela regularidade do ritmo, mas também cria a unidade da turma, na medida em que o educador e as crianças cantam, brincam, movimentam-se e recitam em conjunto.

Isso tudo contribui para gerar uma calorosa sensação de “família” logo no início do dia. Nessa abordagem, tanto a afetividade como a inteligência do ponto de vista intelectual são tidas como importantes e se constituem um par inseparável para o desenvolvimento psíquico da criança, segundo a concepção walloniana<sup>5</sup>.

Durante este período a criança tem muitas possibilidades para se expressar diante das demais, sentir-se pertencente ao grupo estabelecer vínculos afetivos com o grupo no qual está inserido.

Dimenstein e Alves (2003, p.99) dizem:

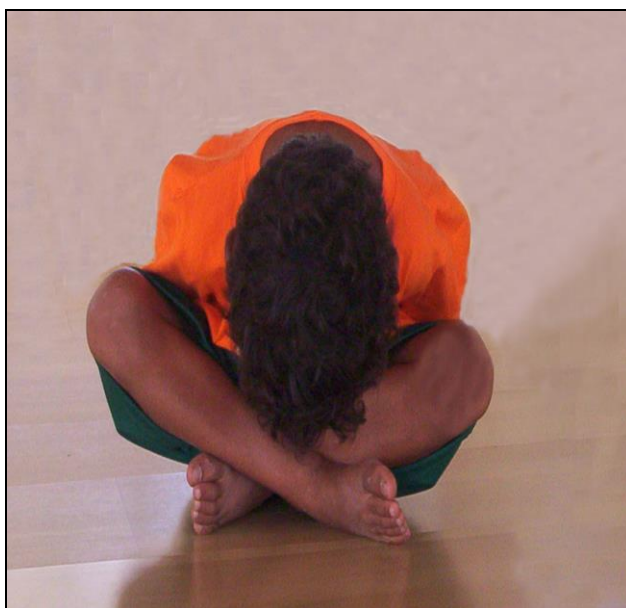
O que o professor fala é tão distante do mundo dele... Como já não se tem regras punitivas como havia antigamente [...] o professor percebe que os alunos não estão prestando atenção ao que ele fala, que há um processo crescente de indisciplina, então começa a perceber a necessidade de uma escola mais voltada ao significado, ao projeto, à publicização e à autoestima.

Essa abordagem é uma ótima maneira de acalmar e relaxar as crianças, além de cultivar uma profunda compreensão desde seus primeiros anos de vida. Como disse Morin (2004, p.93) “o problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos e, portanto, deverá ser finalidade da educação do futuro”.

<sup>5</sup>Henri Wallon é francês, filósofo, político, médico e tornou-se conhecido por seu trabalho sobre Psicologia do Desenvolvimento, devotado principalmente à infância.

## 4. 2 – Exercícios de Biopsicologia

Um dos importantes aspectos do Círculo de Amor é a prática dos exercícios de Biopsicologia, segundo Andrews, uma ciência de saúde corpo-mente que integra as mais recentes pesquisas da psiconeuroimunologia. Os exercícios de Biopsicologia são tão simples e suaves que mesmo uma criança pequena pode fazê-los. Estes harmonizam as secreções das glândulas endócrinas para equilibrar as emoções que permeiam que todas as inteligências.



**Figura 13:** Aluno faz exercício que propõe autocontrole das emoções.  
**Fonte:** Arquivo da Instituição (2005).

Isso nos faz pensar na alegria como critério de saúde na aprendizagem citado por Fernández (2001, p. 115), sendo que em pedagogia e até mesmo na psicopedagogia, fala-se mais da dor dos problemas de aprendizagem, do que da alegria ou da saúde. “Quando desconhecemos a alegria e a saúde como critérios de aprendizagem, como indicadores de cura, há perda de muitas possibilidades e podemos gerar um terreno de “emburrecimento”, segundo Fernández. Exatamente por isso é que os exercícios de biopsicologia acompanhados pela respiração diafragmática são importantes na vida escolar. Tais práticas estimulam o sistema nervoso parassimpático e reduz a produção de cortisol, um dos hormônios do estresse e da agressividade.



Além disso, os exercícios também flexionam as articulações, massageiam os órgãos internos, estimulam a circulação e canalizam a energia nervosa das crianças, tornando-as mais calmas, focadas e saudáveis; mesmo aquelas que são consideradas hiperativas. A maioria dos exercícios são “batizados” com nomes de animais e elementos da natureza e são ensinados às crianças de maneira criativa, deixando-as reproduzir os sons dos animais que estão representando. Para tornar a prática mais interessante, os exercícios são inseridos dentro das histórias. A narrativa é interrompida para que as crianças façam o exercício imitando o animal, a árvore ou a montanha - elementos mencionados na história.

### **4. 3 - Momento de introspecção para crianças**

Muitos estudos têm demonstrado os enormes benefícios da introspecção na saúde corpo-mente: a diminuição da depressão, hostilidade e irritabilidade; melhora das doenças psicossomáticas, da insônia e enxaqueca, além do aumento do controle mental, da criatividade e da empatia.

Como relata Morin (2004, p.100) “a introspecção como prática mental do auto-exame necessária à compreensão, ao descobrirmos que somos todos falíveis, isso nos permite que não assumamos a posição de juiz de todas as coisas”.

Outra importância dessa prática é o aumento da concentração. A prática regular da meditação desenvolve a capacidade de prestar atenção e ignorar distrações, de se sentir relaxado e alerta.

Para Andrews (2003) a concentração é a chave para o conhecimento, pois aquele que desenvolve a habilidade de prestar atenção pode aprender tudo facilmente. Com o alarmante aumento da hiperatividade, depressão e problemas emocionais entre as crianças, uma prática que as treina a controlar a mente inquieta e a focar a atenção deveria ser encorajada desde os primeiros anos escolares.



**Figura 14:** Criança concentrada, no exercício de introspecção.  
**Fonte:** Arquivo da Instituição (2005).

#### **4. 4 – Abrindo o coração: coerência cardíaca**

A essência do Círculo do Amor é a prática de “abrir o coração” que ajuda a criança a preservar sua sensação de conexão (ANDREWS, 2006). Um crescente número de pesquisas revela o poderoso papel do afeto e da empatia na saúde e na doença. A sensação de conexão é muito mais importante para a saúde e a longevidade do que idade, raça, sexo ou classe social. A epidemia que se alastra na nossa sociedade não é somente o estresse, mas a profunda sensação de solidão. Como dizem Dimenstein e Alves (2003, p.69) “a escola contemporânea é aquela que traz os valores e sentimentos mais íntimos, a educação moral (não na moral e cívica) é o seguinte: seu aluno ou seu filho acredita mesmo não no que você diz, mas no que ele vê, acredita no exemplo”.

Estudos na nova ciência de neurocardiologia mostraram que o coração não é meramente uma bomba mecânica, mas um sofisticado sistema para receber e processar informações. De fato, o coração envia mais mensagens ao cérebro do que o cérebro envia para o coração! Como disse o filósofo francês Blaise Pascal, “o coração tem razões que a própria razão desconhece” (ANDREWS, 2007, p.11).

Estados emocionais negativos, como raiva ou frustração, geram ondas eletromagnéticas totalmente caóticas no coração, como se estivéssemos pisando no acelerador e no breque ao mesmo tempo. Esse estado de batimentos desordenados é chamado de “incoerência cardíaca” e está ligado às doenças cardíacas, ao envelhecimento precoce, ao câncer e à morte prematura.



**Figura 15:** Crianças aprendem de forma lúdica a coerência cardíaca.  
**Fonte:** Arquivo da Instituição (2006).

Na definição de Dimenstein; Alves (2003, p. 49): “Sabemos que não se aprende nada que não se tenha experimentado, que não se tenha observado”. Com sentimentos de amor ou gratidão, nosso batimento cardíaco torna-se “coerente”: a secreção do cortisol (hormônio do estresse) diminui e a depressão, a hipertensão e a insônia são reduzidas, diz Susan (2003).

Segundo ela, nesse estado de coerência, o sistema imunológico se fortalece e a clareza mental aumenta. As atividades sugeridas acima foram desenhadas para ajudar as crianças a aprenderem, de forma lúdica e divertida, a manter esse estado fisiológico ideal de coerência cardíaca, e a desenvolver importantes qualidades de respeito e empatia.

De acordo com Morin (2004, p.95) “compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção”. Num mundo ameaçado por violência de todos os tipos, abrir o coração é essencial para alcançarmos saúde, compreensão mútua e paz mundial.

A psicopedagogia abre um espaço de inclusão na educação para ser pensada não apenas através de suas diversas disciplinas, mas principalmente, como meio de promover a vida. Se, enquanto, psicopedagogas, mobilizarmos as múltiplas possibilidades de inteligências e, além disso, aliá-las ao sentido ético, poderemos assim aumentar a probabilidade de construir uma sociedade humana.

“Nossa própria sobrevivência depende desta abertura, empatia e generosidade”, segundo Morin (2004, p.95). E devemos começar pelas crianças. Mais do que nunca precisamos de uma educação para a compreensão. Uma educação do coração.

## CONCLUSÃO

Nas últimas décadas os responsáveis pela educação perceberam que novos desafios surgiram para educar as crianças no ensino infantil e séries iniciais do ensino fundamental de nove anos. Muitas são as instituições escolares que se abrem para alternativas pedagógicas que potencializam o desenvolvimento do desenvolvimento do ser humano e a relação ensinoaprendizagem. Portanto, conhecer a evolução orgânica é passo fundamental para estimular a trajetória de forma integral, mesmo que estejamos realizando esse trabalho em reduzida carga horária, com estruturas físicas insuficientes, salas numerosas e mínimas condições financeiras. Além disso, a atuação pedagógica atualmente conta cada vez menos com a colaboração efetiva dos pais, sendo que estes, pressionados por razões financeiras omitem-se da formação básica e essencial ao caráter das crianças que recebemos em sala de aula e isso, por ser crucial à aprendizagem, tem causado reflexos ao bem estar da comunidade escolar.

Os resultados são conhecidos e reconhecidos no cotidiano educacional: conflitos, indisciplina, transtornos de déficit de atenção e hiperatividade, desequilíbrios emocionais, delinqüência e outros. Tais sinais são visíveis numa sociedade desestruturada que insistiu em preservar práticas pedagógicas arcaicas, baseadas no autoritarismo, onde os educadores possuem o monopólio do saber e restringe a potencialidade da educação apenas à cognição e determinadas inteligências exclusivamente neoliberais.

Para que a educação cumpra o real papel de motivar os alunos a se sentirem responsáveis por si mesmos e pela cidadania da sociedade, os parâmetros deverão ser reavaliados de forma que os objetivos a serem alcançados incluam além do conhecimento intelectual, a prática diária da afetividade, criatividade, autonomia, compreensão e reflexão nos projetos educacionais.

À psicopedagogia, cabe a tarefa especial de oferecer aos educandos escolas que incentivem a evolução, hoje, um princípio aceito em várias correntes comportamentais e descrita de forma completa pela Antroposofia. É por isso que as crianças precisam de ambientes que possibilitem movimento, espontaneidade, dinamismo e principalmente tempo para a liberdade e autonomia e a partir disso experimentar o contato com outros seres humanos e expressarem seus temperamentos, sabendo que serão respeitados. A conexão entre educandos, educadores, e ambiente que forma a escola, proporciona à criança a tranquila sensação necessária ao aprendizado.

As descobertas e transformações ocorridas nas crianças até os sete anos, não apresentam barreiras e inibições, elas simplesmente exteriorizam o que se passa em seu interior. A criança, inconscientemente, imita o que é percebido em seu ambiente. O que há em seu redor a permeia de modo que todo o comportamento é referência a seguir. Mais tarde a imitação torna-se consciente e seu mundo é baseado na identificação, por isso o educador que o conduz e media a aprendizagem no ensino infantil e o início do ensino fundamental tem em mãos o poder de mudança social. Então o educador, sabendo que a imitação e o exemplo são fatores básicos para estruturar uma criança desde a tenra infância, deve qualificar-se ao máximo para liderar, assumir o compromisso de auto-avaliação diária, atualizar as práticas pedagógicas e cuidar de sua saúde emocional.

Experimentamos em várias comunidades de ensino os seguintes números: 1,6 milhões de crianças e adolescentes medicados para poder freqüentar a escola de forma “adequada”, já que muitas têm apresentado comportamentos de ansiedade, hiperatividade, déficit de atenção, psicose depressão e outros. Dos educadores, 52% declararam que não escolheriam essa carreira novamente, devido ao ambiente injusto e agressivo, às salas inadequadas ao aprendizado, à falta de reconhecimento profissional e ainda pertencer à cultura organizacional baseada no desrespeito e ameaças. Os distúrbios psicológicos resultante da pressão emocional dos diversos estressores psicossociais atingem 40% dos professores, levando-os à alienação, apatia e problemas de saúde que os levam ao afastamento ou até mesmo ao abandono da profissão.

Em muitos casos a severidade entre os profissionais de ensino coloca o magistério como uma profissão de alto risco. No ensino infantil e séries iniciais do ensino fundamental a criança necessita do oposto que foi citado acima, ela carece

de exemplos saudáveis e ambientes estimuladores. Portanto é urgente, uma intervenção como a do projeto EduCoração, de cuidado com aqueles que cuidam dos alunos para que realizem um exercício de auto-observação e esforço, eliminando assim os excessos que tenham efeitos negativos sobre os educandos.

Quanto ao espaço físico, é fundamental exigir das escolas estruturas que atendam, com dignidade, as crianças. Estes devem oferecer lugares para correr, brincar, expressar-se de forma criativa, jogar, plantar e também, especialmente, observar educadores satisfeitos e participativos num ambiente aconchegante e acolhedor. Se for função do educador trazer o mundo para dentro da escola, que ele possa cumprir esta tarefa adotando uma postura de respeito à diversidade de temperamentos infantis e à evolução orgânica.

Enfim, para concluir cito uma afirmação de Alves (2004, p.83) onde ele diz que: “Quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe é uma forma de estar com ele”. Um educador equilibrado e ciente da importância do lugar que ocupa será capaz de despertar em seus educandos, através de seu exemplo afetuoso, o desejo de com ele aprender. Isso se propagará para a comunidade escolar e mostrará a possibilidade de uma abordagem que tem como centro o afeto e a partir desse envolvimento o aprendizado torna-se possível e cativa a disponibilidade do aluno para estudar, pesquisar, investigar e buscar soluções mais justas para o bem estar social. Esta é a educação proposta pela Antroposofia e também pelo projeto EduCoração, uma educação que vai além dos portões da escola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. Ao Professor com meu Carinho. 1. ed. Campinas – SP: Verus, 2004.
- ALVES, R. Concerto para Corpo e Alma. 9. ed. Campinas – SP: Papyrus , 1998.
- ALVES, R. Conversas sobre Educação. 7. ed. Campinas – SP: Verus, 2003.
- ALVES, R. Pinóquio às Avestas: Uma Estória sobre Crianças e Escolas para pais e Professores. 1. ed. Campinas - SP: Verus Editora, 2005.
- ANDREWS, S.; RODRIGUES, C.; VASCONCELLOS, F. O Círculo de Amor: Para Abrir o Coração. 1. ed. Porangaba – SP: Instituto Visão Futuro, 2006.
- ANDREWS, S. Stress a Seu Favor: Como Gerenciar sua Vida em Tempos de Crise. 1. ed. Porangaba – SP: Editora Ágora, 2003.
- BERTALOT, L. Aprender com Crianças. 1. ed. Botucatu – SP: Instituto Elo, 2002.
- DIMENSTEIN, G; ALVES, R. Fomos Maus Alunos. 5. ed. Campinas – SP: Papyrus, 2003.
- FERNANDES, R. Censo Escolar da Educação Básica em 2009, [online]. Reportagem do Jornal Gazeta do Povo em 30 de Novembro de 2009. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br>>. Acesso em 29 set.2010.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUIMARES, A; BIBIANO, B. Prepare-se!Um novo aluno está chegando. Nova Escola. São Paulo: Abril, n.225, p.56-64, set. 2009.
- HEYDEBRAND, C. A Natureza Anímica da Criança. 4. ed. São Paulo – SP: Antroposófica, 2002.



LANZ, R. A Pedagogia Waldorf: Caminho para um Ensino mais Humano. 8. ed. São Paulo – SP: Antroposófica, 2003.

MORIN, E. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 9. ed. São Paulo – SP: Cortez, 2004.

STEINER, R. Andar, Falar, Pensar: Atividade Lúdica. 5. ed. São Paulo – SP: Antroposófica, 1996.